

A Boa Nova

O ano está chegando ao seu fim. Os cristãos – e não somente eles, celebram o Natal, embora cada um do seu modo. Entre nós na Alemanha, Natal significa a festa do Amor e da Paz. Estas santas palavras se gastam em quase todos os discursos. E isto num mundo que luta pela paz, com seus problemas, cheio de ódio e inveja.

Na festa do nascimento de Cristo os anjos cantaram: Glória a Deus nos céus, a paz na terra aos seres humanos. Este anúncio significa até hoje promessa e desafio. É claro que este anúncio é mais fácil cantá-lo do que realizá-lo. Esta mensagem vem do céu, e nós moramos na terra. É para a terra, esta mensagem, e para nós humanos, sem exceção de ninguém, porque a paz é a saudade de todos. Disto sabem todos aqueles que sofrem com guerra e terror, com fome e exploração. Disto sabem aqueles que são perseguidos por causa de sua fé. Para saber disto basta simplesmente ser gente.

O ano todo mostrou como estamos longe da paz. A sua falta, será que é porque não damos glória a Deus? Muitos invocam o seu nome, seja qual for sua língua.

No dia de Natal seria bom lembrar que Deus tem um NOME, a saber um nome que, à semelhança de um diamante, se quebra em muitas tonalidades de luz. No Primeiro Testamento não chega a ser um nome – quem poderia conhecê-lo – é antes uma afirmação: SOU AQUELE QUE ESTÁ PRESENTE, ou então AQUELE QUE É E SEMPRE SERÁ. Deus é simplesmente aquele que está aí, eternamente presente. Esta é também uma Boa Nova: o ser humano nunca está sozinho no mundo. Mas também, se ele não está sozinho no mundo, não poderá fazer o que bem entender. Ele tem responsabilidade e precisa explicar o que faz. Entre cristãos Deus também tem muitos nomes, e o fato de ter muitos nomes já diz que nenhum nome define bem o que ele é.

O Islam, mas também alguns cristãos, chamam o Deus-sem-nome de “Allah”. E para entender melhor o inominado, se dão diversas propriedades a ele. Uma destas propriedades, em todas as religiões, é a misericórdia, o que, em alemão, soa como CORAÇÃO ACALORADO. Esta propriedade divina é um desafio para

as religiões que confessam um Deus misericordioso. Porque não pode pregar um coração acalorado quem tem sangue frio. Isto vale tanto para muçulmano como para cristão. Misericórdia é para ser praticada. Deus é experimentado só quando se sente o calor do coração. Com espadas e armas e com rostos encobertos, com violações e decapitações não dá para manifestar misericórdia. Um coração misericordioso é diferente.

‘Islam é misericórdia’ é o título do livro de Mouhanad Khorchide, professor que preside o Centro de Teologia Islâmica na Universidade de Muenster (Alemanha). Deus é a Misericórdia em pessoa. E a religião também tem que incorporar a Misericórdia. Mas o que deveria unir acaba virando objeto de briga, e não somente na esfera intelectual. Deus, o misericordioso, está sendo usado pelos que não têm piedade. Não se vê nada de um coração acalorado.

O Papa Francisco é um homem com um coração que tem calor, como ele tem demonstrado várias vezes. E ele quer uma Igreja misericordiosa, uma Igreja que se orienta pelas Bem-aventuranças: “Felizes os misericordiosos, porque acharão misericórdia”. (Mat 5, 7) Esta palavra está inscrita no coração de todo cristão. No entanto, sabemos: é difícil praticar esta advertência, como mostra toda historia do mundo, das religiões e também da Igreja.

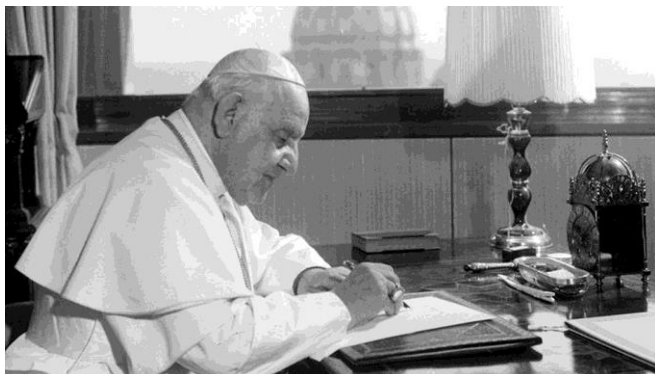
São Francisco diz nas suas Admoestações (27,6): “Onde há misericórdia e prudência, não há prodigalidade nem dureza do coração”. E na Carta a um Ministro o Santo diz: “Não haja irmão no mundo, mesmo que tenha pecado a não poder mais, que, após ter visto os teus olhos, se sinta obrigado a sair de tua presença, sem obter misericórdia, se misericórdia buscou”.

Esta Boa Nova da Misericórdia é a mensagem do Natal; ela dá glória a Deus e torna possível a paz na terra. Ela é dirigida a todos os humanos e exige humildade que é coragem de servir. João Duns Scotus, teólogo franciscano do fim do século 13, formulou esta palavra: Deus quer gente que amam como ele e com ele! (condiligentes).

Hadrian W. Koch OFM

O CCFMC – ferramenta para todo dia

Para muitos era uma libertação, para outros soava como ameaça, esta palavra de João XXIII: Escancarem as janelas da Igreja! Foi com estas palavras que ele anunciou o Concílio Vaticano II para toda a igreja no dia 25 de janeiro de 1959 em Roma. Ele queria uma renovação, um “aggiornamento”, uma aproximação da igreja às necessidades do tempo.



O Concílio que durou de 1963 até 1965 fez realmente história. Seguiu-se um tempo de novos rumos com novos conceitos de igreja: Igreja como povo de Deus a caminho neste mundo, onde todos, clérigos e leigos participam do mandato de Cristo, com abertura para o mundo; um novo conceito de missão como anúncio do Reino de Deus e como libertação integral; admite-se que as outras religiões também oferecem

salvação. As ordens religiosas viram-se desafiadas a dar sua parte. Foram chamadas a voltar às suas origens e revigorar suas raízes na luz do Concílio e nos sinais do tempo.

A Família Franciscana fez isto com entusiasmo no mundo inteiro, acompanhando e inspirando as iniciativas de muitos modos. Ela descobriu como é fascinante e atual a espiritualidade de São Francisco de Assis, pois ele, há 800 anos atrás, já havia vivido e antecipado muitas decisões do Concílio. Ele podia fazer isto, porque se orientava estritamente pela mensagem do Evangelho e fazia dela o princípio do seu agir. O assessor conciliar, o Padre Mario Von Galli, falou que São Francisco era o tema oculto do Concílio.

O curso básico do Carisma franciscano-missionário só dá para entender neste contexto. Agora, 50 anos depois do Concílio, deveríamos aproveitar a chance para lembrar o entusiasmo de 30 anos atrás, quando começamos este projeto interfranciscano e intercultural com vontade de descobridor e inovador. Era uma iniciativa do Conselho Missionário Franciscano. Mas também a cúria romana com todos os seus ramos e as Comunidades locais mostraram vivo interesse neste novo programa de formação.

Milhares de irmãs e irmãos da Família Franciscana seguiram o chamado e estudaram as velhas fontes franciscanas na luz do Concílio e dos sinais do tempo. Num longo diálogo intercultural atenderam aos desafios do novo tempo de um jeito franciscano. Viram que as principais opções franciscanas coincidem com os documentos do Concílio: a Igreja dos pobres, o povo de Deus como Igreja irmã e servidora, a Criação como primeira revelação de Deus, justiça e paz e a preservação da criação.

O CCFMC, portanto, não é obra de um grupinho de especialistas, mas o evento de um verdadeiro diálogo intercultural. Isto se tornou muito claro por ocasião do



grande encontro “Assis 94”, onde 160 irmãos e irmãs do mundo inteiro fizeram uma revisão minuciosa das Lições durante duas semanas. Este processo terminou num projeto comunitário, onde dois braços se uniram num rio: os impulsos conciliares e as redescobertas das fontes franciscanas, unindo o saber dos conhecedores e a experiência concreta.

Este espírito está vivo em muitos lugares. Mas também é verdade que o primitivo zelo arrefeceu e que os responsáveis às vezes ignoram ou já não apoiam aquilo que a gente queria. Por isto poderíamos aproveitar os 50 anos de Concílio, os 30 anos CCFMC e os 20 anos do Encontro de Assis para devolver a estes eventos o seu primeiro frescor.



Com nosso Papa Francisco experimentamos um momento franciscano-profético na Igreja. A escolha do nome Francisco é, como ele mesmo falou, programa e opção. Se o Papa conseguir realizar isto, a visão do Francisco histórico há de refletir-se na vida e na estrutura da Igreja de hoje. A sua modéstia no viver, seu trato descomplicado

com as pessoas, seu evidente afeto para com os pobres e excluídos, seu empenho na busca de soluções pacíficas, seu cuidado em preservar a criação: tudo isto mostra que ele não quer ser o austero guardião da fé, mas antes o Bom Pastor e Samaritano, alguém que imita o Santo do seu nome.

É nossa vez de reencarnar este espírito franciscano para podermos ser auxiliares do Papa no caminho difícil de renovação da Igreja que enfrenta um futuro incerto. Nisto pode nos ajudar o CCFMC.

Andreas Mueller OFM



África

É preciso promover a formação da juventude franciscana

O número dos membros da Juventude Franciscana em algumas dioceses de Uganda, Quênia e Ruanda passou de 3000. Para o retiro na diocese de Noroti alistaram-se no ano passado mais do que 6000 pessoas. Este número mostra o crescimento constante da Família Francisca e da Igreja, possibilitado em parte pelo apoio da Central Franciscana de Bonn. Mostra também como é difícil dar conta de tão grande demanda.

Os programas da Juventude franciscana interessam a todos, porque ao mesmo tempo aprofundam a fé e propagam o carisma franciscano. Para o próximo ano temos em vista três opções fundamentais franciscanas: interdependência e solidariedade, espiritualidade e desenvolvimento, responsabilidade social e relações humanas.

Planejamos não somente seminários com conteúdos espirituais, mas também programas que ajudam as mulheres a melhorar a base econômica: p. ex. cursos do bom viver, fortalecimento da autoestima, criação de aves domésticas, manejo da horta, floricultura e plantação de árvores. E outra coisa: como se estocam alimentos nas condições locais. Todos estes passos são importantes para diminuir o impacto da pobreza.

Queremos capacitar a Juventude e a JuFra para assumir responsabilidade na sociedade, defender os Direitos Humanos, intermediar nos conflitos entre clãs e tomar iniciativas que promovem a paz. Além disto queremos treinar os jovens no uso da Internet, para que possam conectar-se com outros movimentos franciscanos na África e em todo mundo.



A responsável por estes planos é Ir. Margareth Awor, LSOST, de Uganda. Já faz 10 anos que ela é a incansável animadora da espiritualidade franciscana em Uganda. E neste tempo ela fez surgir um movimento juvenil por todo país com ajuda da CCFMC. A iniciativa dela foi tão convincente que todos os bispos assumiram este programa para a sua juventude, dando assim pleno aval ao seu movimento. Quem investe numa espiritualidade sábia e inspiradora ao mesmo tempo contribui para um efetivo programa de desenvolvimento social.



Assis

Tibor Kauser é o novo Ministro Geral da OFS



No decorrer do décimo quarto Capítulo Geral da OFS em Assis, no dia 6 de Nov, foi eleito Tibor Kauser da Hungria, 55 anos, como novo Ministro Geral da OFS. Ele é o quarto Ministro Geral depois de Manuela Matioli, Emanuela de Nunzio, Encarnita de Pozo. A eleição foi assessorada por Pe Nicholas Polichnowsky, Ministro Geral da TOR.

Tibor, eleito no primeiro escrutínio, já era membro da presidência anterior, encarregado dos países de língua inglesa. Como sua Vice foi eleita Chelito de Nunes, da Venezuela. Tibor Kauser é bem conhecido na família do CCFMC. De 2004 a 2010, fez parte da presidência internacional do CCFMC como representante do Governo Geral da OFS, dando ênfase ao Leste Europeu.

Entre os outros membros da Presidência Internacional foi eleita Sílvia Diana em representação da América do Sul. Sílvia Diana esta igualmente ativa no CCFMC como coordenadora do CCFMC na Argentina.

Agradecemos Tibor e Sílvia Diana por tudo que contribuíram ao nosso Curso e desejamos a eles e a toda presidência da OFS a Bênção de Deus.

A Equipe do CCFMC em Würzburg



Diana Sílvia Noemi

Pode consultar na nossa página web:

<http://www.pt.ccfmc.net/>

Papa Francisco: estar ao lado dos pobres é Evangelho, não comunismo

[http://www.pt.ccfmc.net/images/Papa_Francisco - estar ao lado dos pobres %C3%A9 Evangelho .pdf](http://www.pt.ccfmc.net/images/Papa_Francisco_-_estar_ao_lado_dos_pobres_%C3%A9_Evangelho_.pdf)

Clima: "O tempo para encontrar soluções globais está se esgotando"

<http://www.pt.ccfmc.net/pagina-inicial>

